

A IMPORTÂNCIA DO NOME PRÓPRIO PARA O PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM: TEXTO COM NOME PRÓPRIO VERSUS TEXTO SEM NOME PRÓPRIO

THE ROLE OF THE PROPER NAME IN LANGUAGE PROCESSING: TEXT WITH PROPER NAME VERSUS TEXT WITHOUT PROPER NAME

Wasney de Almeida Ferreira¹
Mestre em Linguística Teórica
Universidade Federal de Minas Gerais
(waf.ufmg@gmail.com)

Glenda Aparecida Queiroz Milani²
Especialista em Gramática da Língua Portuguesa
Universidade Federal de Minas Gerais
(glendamilani@hotmail.com)

RESUMO: Neste trabalho, investigamos a importância do nome próprio³ para o processamento da linguagem textual. Para isso, realizamos análise linguística comparativa de texto com nome próprio e texto sem nome próprio. As análises estatísticas demonstraram o que a presença ou ausência do nome próprio acarreta em processamentos cognitivos distintos. Em suma, os nominais comuns não substituem as especificidades do nome próprio no texto.

Palavras-chave: Linguística textual; Referência-referenciação; Nome próprio

ABSTRACT: In this paper, we investigated the role of the proper names in textual language processing. For this, we made comparative linguistic analysis of text with proper names and of another one without proper names. Statistically, the presence or absence of proper names entails different cognitive processing. In short, common names can not replace the specificities of proper names in the text.

Keywords: Textual language; Reference-referencing; Proper name

Introdução

Estudos sobre a referência já foram discutidos em várias áreas, como a Antropologia e a Psicologia, e influenciaram inúmeras áreas do conhecimento, sobretudo a Linguística e a Filosofia (ABBAGNANO, 2007). Essas áreas geralmente veem a referência como uma relação entre a linguagem e o mundo, sendo o sentido uma forma objetiva de se chegar ao referente/objeto-de-mundo (OLIVEIRA, 2001).

¹ Bolsista CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Doutorando em saúde pública

² Bolsista FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais). Mestranda em Linguística Teórica.

³ O nome próprio, diferentemente dos substantivos comuns, não possui significado lexical, não descreve uma classe de seres ou coisas, pois sua principal função é designar individualmente um elemento no mundo (NEVES, 2000).

Por exemplo, as palavras “cachorro”, “*dog*”, “*perro*”, embora pertençam a diferentes línguas, fazem referência a um mesmo objeto-de-mundo; no caso, um animal de quatro patas, mamífero, peludo etc. Por meio do sentido dessas palavras, o interlocutor é capaz de chegar ao referente “cachorro”, que se encontra objetivamente “lá fora”. Quando se constata a verdade de uma proposição, como “Cachorro é mamífero”, descobrem-se, por relações dedutivas, de acarretamento, outras verdades, como “Cachorro é animal”, “Cachorro é ser vivo” etc. Portanto, o referente é externo e independente da linguagem, da cognição, da cultura, das práticas sociais e discursivas, uma vez que a linguagem é o “espelho” do mundo.

Entretanto, essa abordagem não considera aspectos importantes na relação entre a linguagem e o mundo como, por exemplo, na referência de personagens em obras literárias, pois não há como fazer referência a algo que não está presente no mundo real (OLIVEIRA, 2001). Por exemplo, quando se diz “A mula sem cabeça não tem cabeça”, não se pode constatar a verdade ou a falsidade da frase, uma vez que o referente “mula sem cabeça” não existe objetivamente. A partir da percepção de que o processo de referenciar é muito mais complexo, a abordagem de Frege (1978), que ainda influencia a Linguística Tradicional, perdeu força e novos estudos emergiram. Atualmente, os estudiosos da Linguística, como da Linguística Textual de cunho sociocognitiva interacionista, têm discutido sobre a amplitude desse tema e propuseram que a referência não se trata apenas da relação entre linguagem e mundo (KOCH, 2009). Para essa abordagem, o referente não é externo à linguagem, à cognição e à cultura, já que os seres humanos, por meio de suas práticas comunicativas, participam ativamente na co-construção da realidade. Por exemplo, quando alguém diz “O cachorro tem pelo”, o falante está co-criando o cachorro no mundo, já que este não se encontra externo e independente dos discursos, das práticas sociais etc.. Dessa forma, ocorreu uma mudança paradigmática, pois o conceito de “referência” passou a ser concebido como “referenciação” e o conceito de “objeto-de-mundo” como “objeto-de-discurso”. Nas palavras de Koch

Os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constroem no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo,

pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH, 2009, p. 61).

A adoção do conceito “referenciação”, em detrimento do termo “referência”, possibilitou estabelecer relações entre o sujeito, o discurso e o mundo, e contribuiu na construção de modelos culturais, protótipos, estereótipos etc., que orientam as relações sociais. Desse modo, a referenciação é entendida como uma atividade sociocognitiva, uma vez que esses processos não estão relacionados aos objetos-de-mundo, mas sim aos objetos-de-discurso. Esses objetos podem ser introduzidos, retomados, (re)ativados, desativados na memória discursiva, uma vez que são co-construídos e reconstruídos ativamente na comunicação. A memória discursiva é uma estrutura sociocognitiva, um modelo textual, que emerge a partir das práticas discursivas, possibilitando, assim, a progressão textual. De acordo com Marcuschi (2000), os encadeamentos referenciais podem ocorrer por meio de repetições lexicais, sinonímia, pronominalização, processos associativos e cognitivos, entre outros. Desse modo, a partir da proposta apresentada por Koch (2003, 2005, 2009), pode-se considerar que a organização referencial possibilita a continuidade e a estabilidade do texto. Pois, os processos referenciais contribuem decisivamente para a coerência discursiva, permitindo aos interlocutores estabelecerem relações correferenciais, inferenciais e dedutivas, dentro e fora do contexto. Abaixo, encontram-se algumas formas de retomada e remissão textual, que são essenciais na compreensão dos resultados desta pesquisa, já que a coesão e a coerência são aspectos constitutivos de um texto:

Anáfora pronominal: Ocorre quando um elemento linguístico retoma outro por meio de elementos linguísticos pronominais. Ex.: “**Pedro** estava na rua. **Ele** estava de boné azul”.

Anáfora por elipse: Ocorre quando um elemento linguístico “zero” retoma outro antecedente. Ex.: “**Os meninos** estavam na escola. Depois, (\emptyset) foram para casa”.

Catáfora: Ocorre quando um item linguístico remete-se, antecipadamente, a outro ainda não apresentado. Ex.: “**Ele** acordou sozinho em um manicômio. (\emptyset) Estava com muita vontade de suicidar. **Mauro** não sabia onde iria conseguir uma corda”.

Anáfora nominal: Ocorre quando um item lexical é retomado por meio de propriedades de um referente. Neste caso, há a atribuição e/ou determinação de

características a partir do elemento. Ex.: “**O show de rock** estava lotado. **O evento** foi muito bem organizado”.

Repetição lexical: Ocorre quando uma expressão linguística retoma outra por meio de repetições totais ou parciais. Ex.: “**Ladrão** tem que morrer. **Ladrão** é vagabundo. **Ladrão** não vale nada”.

Rotulação: Ocorre quando há uma recategorização que acrescenta uma nova informação ao referente, possibilitando a sua reinterpretação. Entretanto, há uma intencionalidade nesse processo, às vezes até ideológica. Ex.: “**Os sujeitos** entraram no estabelecimento e sumiram. **Aqueles bandidos** precisam ser presos”.

Categorização: Ocorre quando uma expressão linguística retoma outra a categorizando, seja num nível superior ou num nível inferior da categoria. Ex.: “**Os pastores alemães** são animais dóceis. **Os pastores alemães capa preta** são os mais agressivos”.

Encapsulamento: Ocorre quando uma entidade linguística encapsula estados, fatos, eventos, atividades, sem se ater a um referente específico. Ex. “**Entraram no banco, fizeram reféns, roubaram e fugiram. Tudo** permanece ainda um mistério”.

Esses processos, dentre outros, possibilitam a progressão e a estabilização dos objetos-de-discurso (KOCH, 2002), mas não explicam a importância que o nome próprio tem dentro de um texto. Cançado (2008) afirma que os nomes próprios são considerados expressões referenciais por excelência, visto que cada nome, de modo geral, tem uma referência única no mundo. A autora ressalta que mesmo havendo indivíduos com nomes próprios idênticos, essa subcategoria de substantivos é distinta dos substantivos comuns. Bechara (2006, p. 113), de forma semelhante, salienta que o “substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente”. Tendo em vista que os nomes próprios apresentam características distintas dos nominais, bem como dos pronomes que geralmente são dêiticos (LEVINSON, 2007), buscou-se investigar a importância do nome próprio para o processamento da linguagem. Afinal, quais são as especificidades na produção e na compreensão linguística no que se refere ao processamento de narrativas **com** nomes próprios e narrativas **sem** nomes próprios?

Metodologia

A metodologia utilizada, neste trabalho, foi a análise comparativa de textos, uma vez que tomamos como dados dois contos de Luiz Vilela: “Velório” (2003) e “A Porta Está Aberta” (2002). Escolhemos esse autor contemporâneo, porque um de seus traços estilísticos é a dispensa do nome próprio em alguns de seus contos, o que requer, por parte do leitor, maior empenho cognitivo na co-construção dos personagens. Segundo Tamura (2006), fica evidente que os personagens de Vilela não são dados ao leitor *a priori*, mas também não são construções aleatoriamente sem intencionalidade. O conto “Velório” apresenta personagens com nomes próprios, ao passo que o conto “A porta está aberta” os personagens não apresentam nomes próprios. Por isso, optamos por analisar e comparar o personagem principal do conto “Velório” com o personagem principal do conto “A porta está aberta”, para verificarmos se processos cognitivos distintos ocorrem na co-construção de cada personagem. Abaixo, encontram-se os procedimentos metodológicos:

Passo 1: Análise do conto com nome próprio (“Velório”):

Etapa A – cada pesquisador⁴ grifou, individualmente, em cópias distintas, todas as expressões linguísticas que retomavam e/ou remetiam ao personagem principal (“Valico”);

Etapa B – após a marcação das expressões linguísticas, realizadas por cada pesquisador, esses resultados foram comparados;

Etapa C – após o consenso entre os pesquisadores, buscou-se categorizar e quantificar as expressões linguísticas em “Tipos de retomadas e remissões” (“anáfora nominal”, “catáfora” etc.), respeitando a classificação da Linguística Textual.

Passo 2: Análise do conto sem nome próprio (“A porta está aberta”):

As mesmas etapas (A, B e C), descritas acima, foram aplicadas no conto sem nome próprio.

⁴ Os pesquisadores que nos referimos, ao longo da “metodologia”, são o autor e a autora deste artigo.

Passo 3: Aplicação de teste estatístico

Após a quantificação das expressões linguísticas de acordo com a classificação da Linguística Textual, foi aplicado o **teste estatístico qui-quadrado** e o **coeficiente de contingência modificado** (BARBETTA, 2004). O qui-quadrado possibilita a comprovação ou a refutação de associações entre variáveis categóricas (H_0 = “Não existe associação entre as variáveis” e H_1 = “Existe associação entre as variáveis”). Já o coeficiente permite quantificar o grau de associação: quanto mais próximo de 1 (um), maior a associação e, quanto mais próximo de 0 (zero), menor. Em resumo, essas análises estatísticas⁵ nos possibilitaram afirmar se a presença ou ausência do nome próprio requer processamentos cognitivos distintos.

Resultados

As análises estatísticas demonstram que as variáveis “Tipos de retomadas e remissões” e “Tipos de texto” apresentam associações que não são meramente casuais (Tabela 1). Em outras palavras, a presença ou ausência de nome próprio no texto implica, necessariamente, em processamentos cognitivos distintos. Estatisticamente, essa associação é comprovada pelo elevado qui-quadrado ($X^2 = 71,45$), bem maior que o valor tabelado (14,07) para o grau de liberdade 7 (sete). Quanto maior o qui-quadrado, menor a probabilidade da associação entre as variáveis ser casual. Se o p-valor encontrado ($p < 0,0000001$) fosse maior que o nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$), a hipótese H_0 (“Não existe associação entre as variáveis”) seria aceita. Contudo, o p-valor encontrado é muito menor que esse valor de referência, o que implica na aceitação da hipótese H_1 (“Existe associação entre as variáveis”). Esse grau de associação pode ser visualizado por meio do coeficiente de contingência modificado ($C^* = 0,74$): quanto mais próximo de 1, maior a dependência.

Tabela 1: Resultados do teste qui-quadrado

Estatísticas	Valores
Qui-quadrado	71,45

⁵ Essas estatísticas foram respectivamente calculadas no OpenEpi 2.3.1 (Disponível em: <<http://www.openepi.com/OE2.3/Menu/OpenEpiMenu.htm>>. Acessado em 06/09/2012) e no programa Microsoft Office Excel 2010, por introdução de fórmula apresentada por Barbetta (2004, p. 262.)

Graus de liberdade ⁶	7
P-valor	<0,0000001
Coeficiente de contingência corrigido	0,74

No conto com nome próprio, os processos linguísticos mais recorrentes e importantes foram as repetições lexicais de nome próprio (22%), as anáforas nominais (16%) e as anáforas pronominais (23%) (Tabela 2). Já no conto sem nome próprio, os processos mais frequentes e centrais foram as repetições lexicais de nome comum (34%), as anáforas por elipse (34%) e as anáforas pronominais (26%). Dito de outra forma, na ausência de nome próprio, a cognição recorre à repetição de nominais comuns, como “o senhor”, “um homem” etc. Como esses nominais geralmente são genéricos, com poucos traços semânticos, as elipses e as anáforas pronominais tornam-se as principais formas de retomada e remissão, já que marcam apenas a pessoa, o número e o gênero. Esse encadeamento, essencialmente sintático, garante a coesão textual, mas implica em uma diversidade de limitações semânticas. Por essa razão, dentre tantas outras problematizadas na “Discussão”, a presença ou ausência do nome próprio acarreta em processamentos cognitivos distintos. Na Tabela 3, estão todas as expressões linguísticas encontradas no conto com nome próprio, “Velório”, e no conto sem nome próprio, “A porta está aberta”.

Tabela 2: Frequências absoluta e relativa de “Tipos de retomadas e remissões” em função de “Tipos de texto”

Tipos de retomadas e remissões	Tipos de texto			
	Conto <i>com</i> nome próprio “Velório”		Conto <i>sem</i> nome próprio “A porta está aberta”	
	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa
Anáfora nominal	11	16%	10	8%
Anáfora por elipse	1	1%	34	29%
Anáfora pronominal	16	23%	31	26%
Catáfora	5	7%	0	0%
Categorização	8	11%	6	5%
Encapsulamento	1	1%	0	0%
Repetição lexical de nome comum	6	9%	35	29%
Repetição lexical de nome próprio	15	22%	0	0%
Rotulação	7	10%	3	3%
TOTAL	70	100%	119	100%

⁶ Por motivos puramente técnicos, tivemos que juntar a “catáfora” e o “encapsulamento” em uma única linha, para que os cálculos do qui-quadrado fossem realizados.

Quadro 1: Expressões linguísticas dos “Tipos de retomadas e remissões” em função de “Tipos de texto”

Tipos de retomadas e remissões	Tipos de texto			
	Conto <i>com</i> nome próprio “Velório”	Conto <i>sem</i> nome próprio “A porta está aberta”		
Anáfora nominal	enorme (1) ⁷ um gigante (1) de morto (1) do morto (1) defunto (1) o defunto (1) um grandão (1) a cara do Valico (1) o homem (1) aquele cheirinho (1) o cheiro do morto(1)	a respiração (1) o coração disparando (1) hiperplasia benigna da próstata (1) o rosto (1) um homem (1) no ombro (1) os dois (1) as costas (1) a gente (2)		
Anáfora por elipse	tomamos (1)	Deu (1) pendurou (2) despediu (1) desceu (1) tomou (2) olhou (1) pensou (1) apressou (1) ficou (1) andou (1)	Entrou (1) estava suado (1) ofegava (1) tirou (2) abriu (1) enxugou (1) continuaram (1) entraram (1) desse (1) acabaram (1) vamos resolver (1)	contou (1) entregou (1) pôs (1) pegou (1) disse (1) apontou (1) começou (1) atingisse (1) ia remando (2)
Anáfora pronominal	ele (12) dele (4)	ele (17) consigo (1) lhe (1)	lo (1) o (2) se (7)	ao seu lado (1) seu coração (1)
Catáfora	um cheirinho desgraçado (1) fedamãe (1) carniça pura (1) podre (1) o diabo do cheiro (1)	-		
Categorização	um marido (1) (um marido) compreensivo (1) (um marido) trabalhador (1) um amigo (1) um grande amigo (1) o nosso melhor amigo (1) amigo do peito (1) nosso amigo (1)	advogado (1) moço (1) professor (1) um coroa enxuto (1) um coroa muito molhado (1) um homem (1)		
Encapsulamento	um homem assim (1)	-		
Repetição lexical de nome comum	o morto (6)	o senhor (35)		
Repetição lexical de nome próprio	Valico (15)	-		
Rotulação	Coitado (1) sujeito bom (1) honesto (1)	cara de cansado (1) feio (1)	o sujeito (3)	

⁷ Os números, ao lado de cada uma das expressões linguísticas, são referentes às frequências brutas encontradas nas análises.

	trabalhador (1)	uma cara de puto (1)	
--	-----------------	----------------------	--

Discussão

A partir da análise comparativa dos contos “Velório” e “A porta está aberta” foi possível perceber que a presença ou não do nome próprio resulta em diferenças significativas no processamento da linguagem. A introdução do nome próprio ou apelido, como no conto “Velório”, aloca nódulos na memória discursiva (isto é, endereços cognitivos), permitindo a (re)ativação, a co-construção do personagem, entre outros processos linguísticos. Na medida em que os nomes próprios são repetidos, ocorre a esquematização dos personagens em termos de centro-periferia. Quando uma coisa, como um nome próprio, é repetida várias vezes em relação as demais, a sua saliência na cognição facilita o reconhecimento e a evocação na memória (STERNBERG, 2000). Portanto, é possível perceber correlação entre repetição lexical de nome próprio e relevância de personagem na narrativa, já que os personagens mais importantes são centrais e os menos importantes periféricos. Esses processos de esquematização centro-periferia estão presentes também no conto sem nome próprio, embora, neste caso, o item lexical repetido (“senhor”), um nominal, desencadeie processos de acarretamento na cognição.

[1] **Valico** estava na mesa. **Coitado**. **Amigo do Peito**.
(VILELA, 2003, p. 79)

[2] __ E **o senhor** ainda é **um coroa muito enxuto**...
(VILELA, 2002, p. 102)

Em [1], os elementos anafóricos “coitado” e “Amigo do peito” retomam o referente “Valico”, contudo, por ele ser um nome próprio, essencialmente referencial, não gera relações de acarretamento na cognição. Por isso, é absolutamente possível anáforas como “**Valico** estava na mesa. **O bichano** lambia o copo”, se imaginarmos Valico como o nome próprio de um gato. Já em [2], o elemento “o senhor”, por gerar relações de acarretamento na cognição (**senhor** → humano adulto do sexo masculino → humano adulto), impõe limitações ao elemento anafórico. Por isso, anáforas como “E **o senhor** ainda é **um cavalo, um alienígena**”

só podem ser compreendidas por meio de processos cognitivos indutivos, como implicaturas, já que “senhor” restringe as possibilidades de expressões anafóricas. Como não é possível deduzir nada a partir de um nome próprio, como “Valico”, por ser uma expressão referencial por excelência (CANÇADO, 2008), a co-construção do referente, no caso do personagem, é menos rígida e mais arbitrária. Por essa razão, o uso de hiperônimos (“senhor”, “homem”), na ausência do nome próprio, sugere ser a melhor estratégia de decisão lexical, embora possa gerar ambiguidades.

[3] __ Nesse momento sou apenas **um homem** que precisa de uma canoa.

O homem riu.

__ Mas o senhor sabe remar?

(VILELA, 2002, p. 98)

Em [3], é possível perceber que as expressões destacadas, tanto “homem” quanto “senhor”, utilizadas no lugar dos nomes próprios, apresentam poucos traços semânticos, gerando ambiguidade. A expressão “O homem” pode se referir tanto ao personagem principal quanto ao seu interlocutor, pois ambos são tratados como “homem” e “senhor”, ou seja, “seres humanos adultos do sexo masculino”. Na ausência dos nomes próprios e na presença de ambiguidades dessa natureza, o leitor apresenta maior dificuldade em encontrar o personagem na memória discursiva. Pois, no conto sem nome próprio, as “regiões” de cada um dos personagens são pouco delineadas na memória discursiva (*fuzzy*), enquanto, no conto com nome próprio, os personagens são mais delimitados. Por essa razão, é possível produzir e compreender romances com vários nomes próprios, enquanto a ausência de nome próprio impossibilita construções muito complexas. Por exemplo, enquanto o conto “Velório” possui quinze personagens, o conto “A porta está aberta” possui apenas sete personagens, o que se correlaciona com a capacidade da memória de curto prazo, que retém por volta de sete blocos de informação (FUENTES *et al*, 2008). Portanto, o nome próprio impede ambiguidades causadas por nomeações genéricas, como “homem”, “senhor”, “gente”, “sujeito” etc., pois esses nominais possuem traços em comum que se sobrepõem.

A partir do momento em que o nome próprio aloca na memória uma região mais ou menos delimitada, sem restringir as possibilidades de retomada e

remissão, a progressão do referente ocorre sempre do 1) mais genérico para o mais específico e do 2) mais simples para o mais complexo. Vejamos um exemplo:

[4] Só de tarde é que fui saber da morte do Valico. Me contaram no serviço que ele tinha morrido àquela madrugada. Pedi licença ao chefe e fui dar uma chegada lá.

Tinha muita gente, a maioria eu conhecia. Nego Branco, Lolô e Penca estavam lá. Bastião e Nassim chegaram depois.

Valico estava na mesa. Coitado. Amigo do peito. Bom num **truco** igual ele está para nascer outro.

(VILELA, 2003, p. 79)

Em [4], na primeira frase, se ignorarmos o título “Velório” e o resto do texto, conseguimos deduzir apenas que o nome próprio Valico refere-se a um “+ ser vivo”, isto é, orgânico. Por isso, é absolutamente possível uma anáfora como “Só de tarde é que fui saber da morte do **Valico. O pastor alemão** acabou morrendo”, pois o nome próprio retomado pelo sintagma “O pastor alemão” já se refere a um “+ ser vivo”. Por outro lado, a anáfora “Só de tarde é que fui saber da morte do **Valico. O rádio** acabou morrendo” só seria compreendida de forma indutiva, já que rádio é “- ser vivo”. No primeiro caso, a retomada ocorre de forma dedutiva e demanda mais da língua, já no segundo caso, ocorre de forma indutiva e requer, além da língua, conhecimento de mundo. Como o referente Valico se desenvolve textualmente como “+ ser vivo”, o leitor não pode deduzir, logo no início do texto, que Valico é o nome de um ser humano, embora haja pistas para tal inferência. A comprovação de tal proposição (isto é, “Valico é ser humano”) só ocorrerá dedutivamente na última frase do excerto [4], por meio do item lexical “truco”, pois somente humanos jogam truco. Se no início do conto temos uma representação genérica e simples relativa ao personagem Valico (“ser vivo”, “jogador de truco” etc.), no final da narrativa teremos uma representação mais específica e complexa (“enorme”, “grandão”, “trabalhador”, “um bom marido” etc.).

Em outras palavras, se fizermos uma releitura da Gramática Tradicional (CUNHA & CINTRA, 2001), abstraindo o co-texto e o contexto de uso, o nome próprio “Valico” pode se referir a duas grandes categorias: “ser inorgânico” (nomes de lugares, instituições, ruas etc.) ou “ser orgânico” (“reino vegetal”, “reino animal” etc.). Como a cognição do leitor julga e decide pela categoria “ser orgânico” (“+ ser vivo”), logo no início do conto, a sua cognição precisa “afunilar” ainda mais as

subcategorias (**ser humano do sexo masculino** → primata → (...) → mamífero → cordado → reino animal → **ser orgânico**). Assim, ao longo da progressão textual, é possível perceber a importância, sobretudo, das anáforas nominais, pois elas atribuem traços ao referente diretamente, de modo que se torne mais específico e mais complexo. Por exemplo, expressões como “enorme”, “um gigante”, “o morto”, “o cheiro do morto”, “o homem”, “a cara do Valico”, apresentadas ao longo do texto, possibilitam a co-construção direta do personagem na memória discursiva. Nesse contexto, as anáforas pronominais apresentam propriedades distintas das anáforas nominais, já que os pronomes não atribuem traços diretamente ao personagem. Na verdade, nas anáforas pronominais, constatamos que os traços semânticos são atribuídos pelo co-texto, pois geralmente os pronomes estabelecem relações sintáticas com o verbo, o objeto, o predicativo do sujeito etc..

[5] __ **Ele** era **tão seu amigo**, Nestor... **Ele** era **tão bom**...
 (VILELA, 2003, p.79)

Em [5], os pronomes “Ele”, analisados por um ponto de vista da língua fora de uso, possuem os traços de “+ terceira pessoa”, “+ masculino”, “+ singular”, ou seja, tratam-se de itens sem referências virtuais próprias (MILNER, 2003). No exemplo acima, é possível perceber que a co-construção do personagem Valico não ocorre diretamente por meio dos pronomes, mas sim dos predicativos do sujeito. Afinal, após a leitura desse excerto, o leitor reconhece que Valico, além de ser “+ terceira pessoa”, “+ masculino” e “+ singular”, era uma pessoa boa, amigo de Nestor. Em outras palavras, o co-texto estabelece relações sintáticas com os pronomes, que retomam e remetem a outros elementos, mantendo as frases encadeadas e assegurando a coesão textual. Enquanto na anáfora nominal o objeto-de-discurso é co-construído diretamente por meio das expressões nominais (que possuem referências virtuais), na anáfora pronominal, a co-construção é indireta, já que o co-texto perpassa pelo pronome. A terceira pessoa, ao contrário da primeira e da segunda que são sempre dêiticas, pode ser utilizada também como anáfora e catáfora. Portanto, as anáforas pronominais também podem gerar ambiguidades semânticas, já que os pronomes de terceira pessoa podem se referir às coisas, aos animais, aos vegetais e aos seres humanos.

[6] Menos de meia hora depois chegava a curva do caminho, de onde, com a respiração com um instante quase suspensa e o coração disparando, **ele** avistou o rio. Lá estava, depois de tantos anos, o rio; lá estava **ele**, por sobre a copa das árvores; lá estava, largo e majestático, como um imenso espelho de prata.

(VILELA, 2002, p. 96)

Em [6], é possível notar que o pronome “ele” (o segundo, em negrito) apresenta ambiguidade semântica, pois a cognição do leitor pode retomar tanto o referente “rio” quanto apontar o “personagem principal”. Afinal, “lá estava **ele**”, mas ele quem? O rio ou o personagem? Essa ambiguidade semântica do pronome de terceira pessoa⁸ é resolvida pelo co-texto, pois o pronome sozinho não possibilita a identificação do objeto-de-discurso. Como as expressões sucedentes ao pronome (“a copa das árvores”, “largo e majestático” e “espelho de prata”) referem-se ao *frame* RIO, a cognição do leitor julga e decide nesse domínio. Processos cognitivos semelhantes ocorrem no caso do pronome “ele” (o primeiro, em negrito), embora o próprio co-texto sintático da oração (“ele avistou **o rio**”) já resolva a ambiguidade. O verbo “avistar” é transitivo e requer, na posição de sujeito, um “+ser vivo”, capaz de ver, enquanto na posição de objeto, o verbo requer “+ algo passivo de ser observado”. Além desses elementos sintáticos, as expressões nominais no co-texto antecedentes ao pronome (“a respiração” e “o coração disparando”) reduzem a ambiguidade de modo que a cognição do leitor decida pelo “personagem principal”.

Considerações finais

A análise comparativa dos contos “Velório” e “A porta está aberta” possibilitou melhor compreensão da importância do nome próprio para o processamento da linguagem, conforme buscamos demonstrar na “Discussão”. Em termos históricos, o advento do nome próprio sugere ser uma estratégia cognitiva capaz de superar as limitações da memória de curto prazo (capaz de alocar $\cong 7$

⁸ No discurso de portador de esquizofrenia paranóide, é possível perceber, nos processos anafóricos, uma diversidade de ambiguidades semânticas relativas a terceira pessoa (FERREIRA, 2010). Por exemplo, se duas pessoas conversam sobre o Silvio Santos, mas sem usar esse nome próprio, (“*Ele* é dono de uma emissora. *Ele* é famoso. *Ele* é um ótimo locutor”) o doente pode ouvir a conversa e criar o delírio de que é dono de uma emissora, de que é famoso e de que é um ótimo locutor. Em outras palavras, o portador de esquizofrenia paranóide possui um transtorno na referenciação, pois não consegue encontrar a terceira pessoa na memória discursiva.

pacotes de informação). Ao ser introduzido na mente, o nome próprio passa a alocar um nódulo na memória discursiva (isto é, um endereço cognitivo), possibilitando a estabilização e a evocação do personagem. Por ser uma expressão sem sentido inerente, um mero rótulo, o nome próprio não gera relações de acarretamento na cognição e, por isso, possibilita a construção de narrativas complexas, capazes de extrapolar as limitações da memória de curto prazo. Tudo isso demonstra a importância do nome próprio para o processamento da linguagem, já que ele, em relação ao texto sem nome próprio, é um mecanismo econômico que não exige tanto da cognição. Afinal, na ausência do nome próprio, as estratégias cognitivas mais recorrentes e viáveis são usos de nominais genéricos (“senhor”, “homem” etc.), pronomes de terceira pessoa (“ele”, “seu” etc.) e elipses. Entretanto, essas formas alternativas geram ambiguidades, sobreposições de traços semânticos, o que demanda mais recursos cognitivos, já que a cognição precisa recorrer ao co-texto e ao contexto para amenizar ou eliminar as ambiguidades.

Referências

- ABBAGNANO, N.. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.
- BARBETTA, P. A.. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. 340 p.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 672 p.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 183 p.
- CUNHA, C. ; CINTRA, L. F. L.. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 748 p.
- FERREIRA, W. de A. A estrutura sintática e semântica dos delírios de perseguição e de referência na esquizofrenia paranóide: um estudo de caso. **Ciências & Cognição** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 15, p. 228-238, 2010.
- FREGE, G. Sobre sentido e a referência In: **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix/USP, 1978. p. 59-86.
- FUENTES, D., MALLOY-DINIZ, L. F., CAMARGO, C. H. P., COSENZA, R. M. & COL.. **Neuropsicologia: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 430 p.

KOCH, I. G. V.. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-Discurso. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, p. 29-42, 2002.

KOCH, I. G. V.. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 168p.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. **Introdução à linguística textual**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 190 p.

LEVINSON, S.. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 548 p.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, D. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH / USP, 2000. p. 191-239.

MILNER, J. C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B. Rodrigues; CIULLA, A.. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de uso do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras**. v. 2 São Paulo: Cortez, 2001. P. 17-46.

_____. de. **Semântica formal: uma breve introdução**. Campinas: Mercado das Letras, 2001. 264 p.

STERNBERG, R. J.. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artes. Médicas Sul, 2000. 494 p.

TAMURA, C. M.. 2006. 153 f. **A 'pornografia da morte' e os contos de Luiz Vilela**. Dissertação (mestrado em teoria e crítica literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VILELA, L.. **Tremor de terra**. São Paulo: Publifolha, 2003. 172 p.

_____. **A Cabeça**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 132 p.